

Big brother na sala de aula

ALINE FONSECA

DA EQUIPE DO CORREIO

Edilson Rodrigues 23.4.04

Login de entrada, senha de acesso, boletim virtual, webcâmera. As escolas particulares do Distrito Federal entraram na era digital e incluíram a tecnologia na proposta pedagógica de ensino e de relacionamento com os pais. Segundo o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe-DF), 90% das escolas particulares oferecem serviços de boletim, calendário escolar, dever de casa e avaliação do comportamento do aluno pela internet.

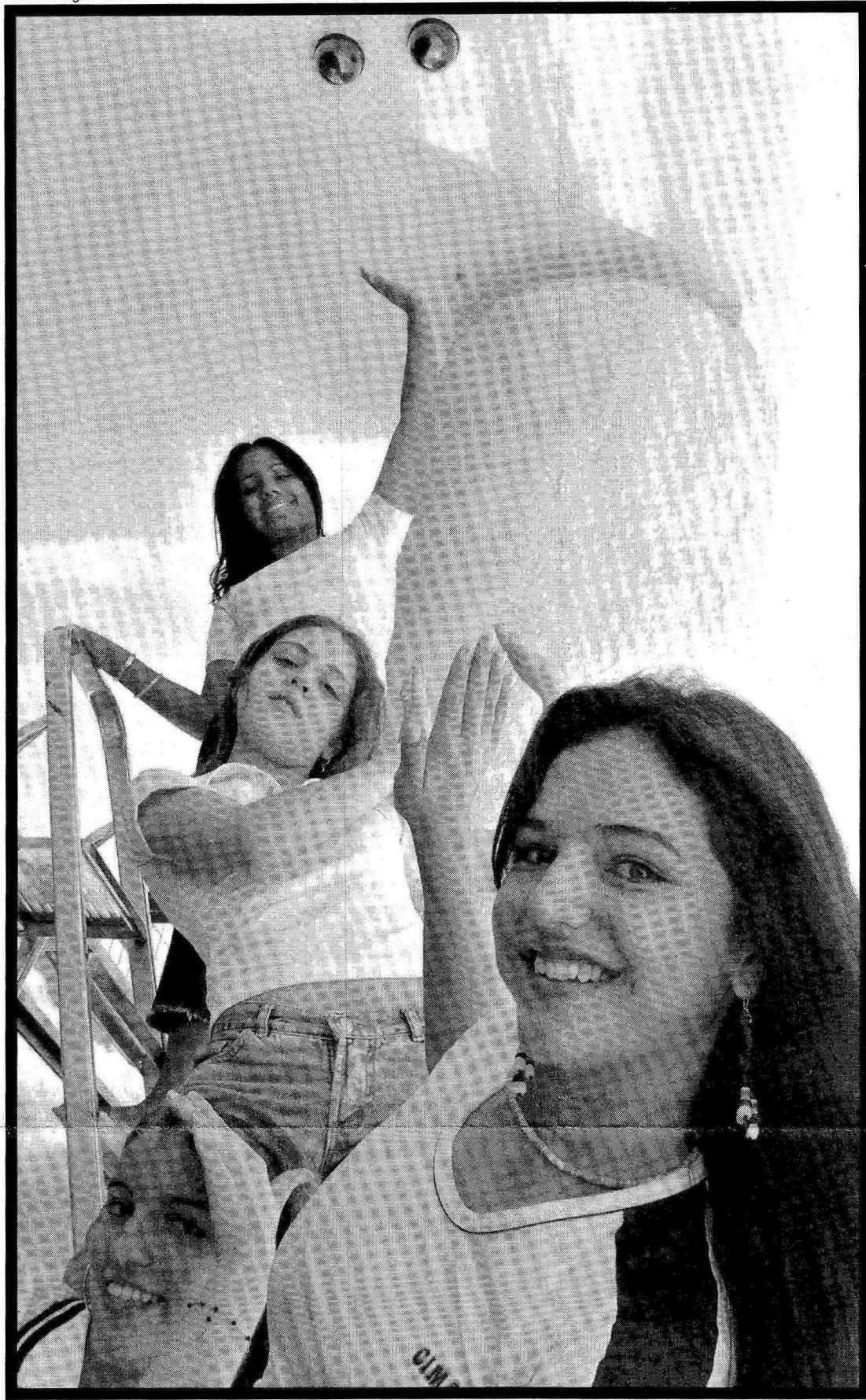
De acordo com o censo escolar do Ministério da Educação, existem 395 escolas particulares no DF. Dez por cento delas oferecem acompanhamento virtual — se o aluno tem dúvidas, basta clicar no portal da escola e resolvê-las com algum professor de plantão na rede. O mais novo fenômeno do ensino privado, no entanto, são as webcâmeras. De casa ou do trabalho, para ver a criança na escola basta clicar no site, bem ao estilo Big Brother. No Plano Piloto, o Colégio Ciman, na Octogonal, já oferece o serviço. Em Taguatinga, o Instituto Educacional Guinness pretende implantá-lo neste semestre.

“É uma tendência do mercado, quem ficar para trás acaba perdendo clientes”, afirma Weber Soares Amaral, coordenador de informática do Instituto Educacional Guinness. Segundo ele, os próprios pais pedem o serviço, para facilitar o acompanhamento escolar do filho. A escola tem 700 alunos, em três unidades (duas em Taguatinga e uma na Asa Norte). Na Asa Norte, o sistema de boletim virtual, calendário escolar e deveres de casa está na rede desde o início do ano. O serviço é gratuito, mas em três meses será cobrada uma taxa de R\$ 3,50 anuais por aluno.

Nas grandes escolas, o serviço não é cobrado em separado. Mas o custo de um portal como esse para as pequenas escolas é maior. Em um estabelecimento com 500 alunos, uma página com atualização diária custa R\$ 15 mil — R\$ 3 por estudante. Com três mil alunos, o valor cai para R\$ 3 mil — R\$ 1 por estudante.

“Esse sistema é um auxiliar à educação, mas também aproxima o pai das atividades dos filhos e da escola”, afirma o diretor pedagógico do Sigma, Ronaldo Yungh. O colégio tem quatro mil alunos no ensino fundamental e médio e usa a internet há três anos. Cada pai recebe um login e uma senha, para consultar a vida escolar do filho. No início, conta Yungh, menos de dez por cento dos pais acessava o serviço. Hoje, já são 50%.

A exposição da vida escolar,



ALINE PROTТА (D) E AS COLEGAS EM FRENTE ÀS NOVAS CÂMERAS: “ACHÁVAMOS QUE ESTÁVAMOS EM UM BIG BROTHER”

porém, não agradou a todos os alunos. “A parte ruim é que o nosso comportamento fica na rede, para os nossos pais verem. Eu até sou estudioso, mas converso bastante na sala de aula...”, conta Lucas Barbosa, 14 anos, aluno da 8ª série do Sigma. Em casa, quem acessa a internet é ele. “Meus pais preferem ir à escola.”

Especialistas alertam que o sistema pode se transformar em aliado ou inimigo. “Qualquer tipo de serviço que disponibilize a informação é interessante, mas nenhum vai substituir a presença dos pais”, afirma a psicopeda-

goga Eglacir Freire. Com os dois filhos em uma escola particular e senha para o acompanhamento virtual, ela prefere o acompanhamento pessoal. “Esse contato é insubstituível. Falta de tempo não é desculpa para não acompanhar a vida de um filho”, afirma. “É preciso encontrar alternativas para não se acomodar e deixar de falar com a criança, com a professora.”

O acompanhamento virtual, segundo pedagogos, é um complemento e não uma substituição da educação. “A idéia é aproximar o aluno do pai e o pai da

escola”, explica Leíse Lanna, coordenadora pedagógica do Colégio Ciman da Octogonal, com portal há um ano. O diretor do Sigma, Ronaldo Yungh, alerta que o site deve ser espaço de informação, e não de formação. “Se deixarmos tudo para a internet, o pai some da escola.”

O professor de Tecnologias de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Gilberto Lacerda, também teme os excessos. “O problema é quando esse acompanhamento se torna uma fiscalização. Isso é nefasto. Espionagem não faz sentido na educa-

“
TINHA GENTE QUE
ESCREVIA
CARTAZES E
COLOCAVA NAS
CÂMERAS. A
VERDADE É QUE
TODO MUNDO
MUDOU O
COMPORTAMENTO
DEPOIS DESSE
SISTEMA

Ana Paula Andrade, estudante

QUALQUER TIPO
DE SERVIÇO QUE
DISPONIBILIZE A
INFORMAÇÃO É
INTERESSANTE,
MAS NENHUM
VAI SUBSTITUIR
A PRESENÇA
DOS PAIS

Eglacir Freire, psicopedagoga

NÃO É A FUNÇÃO
DA ESCOLA, NÃO
HÁ NENHUM
SENTIDO NAS
CÂMERAS

Gilberto Lacerda, professor de
Tecnologias na Educação da UnB

ção.” Para a professora de inglês Maria José Braga, 47 anos, a internet veio em boa hora. Ela abre a página do Candanguinho de três a quatro vezes por semana, para acompanhar o filho Eduardo, 12 anos.

Aluno da 6ª série, Eduardo tem problemas de concentração. “Ele vive esquecendo de anotar os deveres na agenda, então consulto a internet para saber de tudo. Quando dá, também vou à escola”, explica Maria José. “A minha vida é muito corrida. Esse serviço é realmente uma facilidade.”

Vandalismo cai a zero

Durante seis meses, professores, pais, alunos e a direção do Colégio Ciman, na Octogonal, discutiram se colocariam webcâmeras. “Foi um assunto muito polêmico, os professores ficaram em dúvida se seria uma boa coisa ter essa vigilância”, conta a coordenadora pedagógica, Leíse Lanna. “Mas decidimos implantar o sistema, para a escola e os alunos terem mais segurança.”

O sistema foi pleiteado por pais de alunos da educação infantil. Das 64 câmeras, 16 são webcâmeras, com acesso *on line*, e instaladas em locais como o pátio, a piscina e a quadra esportiva. O restante são câmeras internas, como as de lojas, que gravam por 24 horas o movimento, sem som. O Ciman gastou R\$ 40 mil com os equipamentos. “Com o tempo isso se tornará comum”, acredita Leíse.

Os alunos não gostaram de se imaginar em um reality show. “Achamos que estávamos no Big Brother. Fiquei imaginando meu pai e minha mãe vendo tudo o que eu estava fazendo na sala de aula”, conta Aline Protta, 17 anos, aluna do 3º ano. “Tinha gente que escrevia cartazes e colocava nas câmeras. A verdade é que todo mundo mudou o comportamento depois desse sistema”, diz Ana Paula Andrade, 17.

Hoje, eles reconhecem um saldo positivo na diminuição do vandalismo. “Quem rasgava cadeira ou jogava papel no professor não faz mais, porque sabe que está gravando. Eu mesma parei de fazer conta na carteira”, diz Ana Paula. Antes, eram consertadas 15 cadeiras por semana. Depois das câmeras, o número caiu a zero. “O objetivo não era esse, mas acabou servindo também”, explica Leíse Lanna.

Para a psicopedagoga Eglacir Freire, o sistema precisa ser discutido. “O Big Brother é um movimento social interessante, mas o sistema de câmeras numa escola deve ser contextualizado.” O professor de Tecnologias na Educação da UnB, Gilberto Lacerda, vê no aparato tecnológico uma estratégia comercial para agradar aos pais. “Não é a função da escola, não há nenhum sentido nas câmeras.”